

## As vozes do Documentário Ônibus 174 e a Representação da Violência Urbana<sup>1</sup>

Felipe Silva de OLIVEIRA<sup>2</sup>  
Eloisa Joseane da Cunha KLEIN<sup>3</sup>  
Josimey Costa da SILVA<sup>4</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN.

### Resumo

O presente trabalho visa tratar da violência urbana tendo como base o vídeo documentário Ônibus 174, José Padilha, 2002. Conforme a obra faz, o artigo busca, assim, por meio das vozes presentes na produção visual dar outro olhar ao protagonista Sandro do Nascimento diferente da que foi veiculado pelos meios de comunicação. Os discursos englobam pessoas que conviveram com Sandro além de especialistas que participaram do filme. No documentário, Padilha consegue expor diferentes aspectos da realidade social brasileira como exclusão social, violência urbana, ausência de políticas públicas e preconceitos.

**Palavras-chave:** documentário; ônibus 174; violência urbana; comunicação.

### Introdução

Este trabalho tem como finalidade abordar a representação da violência urbana presente no documentário Ônibus 174, dirigido por José Padilha, 2002. Sendo assim, busca-se apontar por meio das vozes presentes no documentário a representação da violência urbana, e dar outro olhar do personagem Sandro; diferente do que foi veiculado pelos meios de comunicação. E pretende-se apontar a exclusão social. Para tratar do cinema documentário, adotou-se o pensamento de Bill Nicholls, com a obra introdução ao documentário.

A urbanização das cidades nem sempre ocorre de forma igualitária, às classes menos favorecidas acabam sendo excluídas do processo de desenvolvimento, o que fomenta as desigualdades sociais. Esse inchaço populacional urbano, muitas vezes não é seguido de um crescimento ordenado, e resulta em diversas manifestações sociais: violência urbana,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Intercom Júnior, IJ 04 - Comunicação Audiovisual – XII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante de graduação 4º semestre do curso de radialismo da UFRN, email: felipe.hwm@gmail.com

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Departamento de Comunicação Social da UFRN, email: eloisa.klein@gmail.com

<sup>4</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Departamento de Comunicação Social da UFRN, email: josimeycosta@gmail.com

marginalização e segregação. No entanto, deve-se compreender que cada realidade possui seus problemas específicos.

Padilha consegue expor essas diversas manifestações sociais aos espectadores e despertar neles diversos questionamentos: fatores sociais, econômicos, ausência de políticas públicas e preconceitos.

No documentário *Ônibus 174* é importante a compreensão da relação próxima entre os atores sociais envolvidos no episódio, o “cenário” que ocorreu o enredo e os diversos meios de comunicação que estabeleceram a transmissão dos discursos e imagens midiáticas. A exclusão social sofrida pelo protagonista e sua convivência com a violência estabelecem uma relação de vítima e agressor.

A transmissão do evento foi intensamente destacada pela televisão, com a duração de quase cinco horas e com uma cobertura ao vivo. A construção da imagem que foi feita de Sandro pelos meios de comunicação de forma sensacionalista direcionou os espectadores a enxergá-lo de forma unilateral, isto é, apenas como um algoz. A exposição de Sandro na televisão dessa forma contribui para sua demonização (ROCHA, 2004.p. 8).

A respeito da abordagem da mídia ao sequestro protagonizado por Sandro; Rocha ressalta que: “Em relação à cobertura da mídia, Sandro do Nascimento foi um dos seus personagens centrais, por causa das imagens de terror que protagonizou ao longo do episódio e dos discursos de condenação veiculados nos jornais contra ele”. (ROCHA, 2004.p.9). Daí que o filme *Ônibus 174* entra como um quebra ponto, com uma maneira de buscar dar outra visão da vida de Sandro.

A escolha do tema deveu-se ao fato do documentário possuir um grande potencial de representar uma determinada parte do mundo histórico, como também construir determinada realidade adotando um discurso próprio. Daí a importância de compreender a interação de diálogos entre os meios de comunicação atrelados a representação do episódio, e disso obter um significado.

A metodologia adotada para consecução deste trabalho consiste na análise fílmica do documentário *Ônibus 174*, José Padilha, 2002. Vale destacar que a análise fílmica ressalta um contexto e que, portanto é fundamental para o empreendimento da análise da obra e possibilitar um determinado entendimento. (...) Analisar um filme não é mais vê-lo, é revê-lo e, mais ainda, examiná-lo tecnicamente (...) (VANOYER; GOLIOT-LÉTE, 1994.p.12). Isso porque não basta apenas assisti-lo, mas ter outra postura diante do filme e conseguir extrair percepções, impactos e detalhes importantes do filme.

No que diz respeito à abordagem da presente análise fílmica é aplicada a interpretação crítica que consiste em: a tentativa de estabelecer a interpretação do que se exprime e como se dá a maneira de exprimir, assim relacionando essas duas conexões (VANOYER; GOLLOT-LÉTE, 1994.p.52). Sendo assim, busca-se analisar de forma crítica o documentário Ônibus 174.

Ônibus 174 teve uma grande repercussão, além disso, recebeu várias premiações em diversos festivais: premiado na mostra Internacional de cinema de São Paulo (2002) e também no festival de Havana (2003); ganhou o Emmy na categoria News and Documentary, melhor documentário de longa metragem (2005).

### **1.1. Documentário**

Bill Nichols em sua obra Introdução ao documentário diz que: “todo filme é um documentário” (NICHOLS, 2005.p.26). O autor ainda estabelece dois tipos de documentários. Primeiro, os documentários de satisfação de desejos, que tratam de sonhos, pesadelos, desejos e horrores, são os chamados frutos da imaginação. Esse tipo de filme é conhecido como filme de ficção.

Além disso, há os documentários de representação social (...) representam de forma tangível aspectos de um mundo que já ocupamos e compartilhamos. Tornam visível e audível, de maneira distinta, a matéria de que é feita a realidade social(...) (NICHOLS, 2005.p.26)<sup>5</sup>. Esse tipo de filme propicia uma visão e argumentos de um caso específico e um entendimento dos seus significados e valores. O significado e os valores irão variar de indivíduo para indivíduo, pois cada espectador tem seu modo de interpretar o filme e exprimir os seus sentimentos. Guedes (2014) ressalta que Ônibus 174 aborda dois aspectos: o episódio em si e a história de vida de Sandro. A maneira de representação dos discursos e as imagens dos entrevistados e momentos do sequestro constituem-se em uma narrativa densa.

Adotando o pensamento de Nichols, Ônibus 174 enquadra-se como um documentário de representação social, pois trata de uma realidade que não é ficção.

## **2.0. O documentário e a representação social.**

---

<sup>5</sup> Nichols quando se refere ao documentário de representação social não faz nenhuma relação ao conceito de representação social de Serge Moscovici, este autor remete ao conceito de representação coletiva de Émile Durkheim.

O documentário de representação social apresenta visões de um mundo, mediante a seleção e organização de fatos e argumentos do cineasta. Trata de questões sociais que buscam convencer e enfatizar um ponto de vista por modo representativo de um mundo que julgamos conhecer. Muitas vezes, o documentário é porta voz de um público o qual se vê a necessidade de anunciar, isso ocorre através da apresentação dos interesses do produtor, ou mesmo agência patrocinadora (NICHOLS, 2005.p.28).

Ônibus 174 trás à tona a representação social da violência urbana em um discurso midiático. “Além de relatos, as imagens de câmeras de vigilância, fotojornalismo, vídeos amadores, filmes documentários são transformados em evidências de ações violentas” (ALMENDRA, 2009.p.11). A propagação de situações violentas produz um aspecto emocional.

Nichols, diz que,

Os documentários mostram aspectos ou representações auditivas e visuais de uma parte do mundo histórico. Eles representam os pontos de vista de indivíduos, grupos e instituições. Também fazem representações, elaboram argumentos tentando convencer-nos a aceitar as suas opiniões. A ideia de representação é fundamental para o documentário. ((NICHOLS, 2005.p.30).

Nesse tipo de filme, as pessoas são atores sociais, e tem uma apresentação espontânea para construção autêntica dos comportamentos, o que é diferente dos filmes de ficção onde os atores estão protagonizando um papel. Há uma realidade a ser seguida, por isso, é fundamental um preparo da verdade que será passada. Geralmente o que é visto neste modelo de cinema, são atores que já possuem bagagem não de carreira, mas de vida no que é proposto para frente das câmeras.

Os documentários são planejados de modo a passar para o público a veracidade do caso que será transmitido em filme de mesmo modo que foi o real acontecido, desta forma o projeto não foge a linha de disseminador da realidade.

A representação fílmica do documentário busca dar uma aproximação da realidade sem deixá-la que se apresente como mera duplicação desta, mas apontando de forma objetiva situações da vida cotidiana. Neste sentido, há uma função social em retratar um acontecimento histórico e compartilhar um ponto de vista.

Câmara e Lessa indicam que

No documentário a representação cinematográfica se construiu basicamente sob um modo característico de trazer para o espectador uma cotidianidade dada pela própria realidade objetiva, sem a predominância da imaginação – como ocorre na ficção –, articulando como objetivo central os principais atributos pelos quais ela existe no mundo histórico. (CÂMARA e LESSA, 2009.p.7).

Conforme destacam os autores, no documentário a abordagem cinematográfica é de uma situação cotidiana. Em Ônibus 174, a construção se deu em função do episódio do sequestro.

### **3.0. Descrição do documentário Ônibus 174**

No dia 12 de junho de 2000, Sandro Barbosa do Nascimento, 21 anos, assalta um ônibus. O evento se transforma em um sequestro com 11 reféns, no bairro Jardim Botânico, na zona sul do Rio de Janeiro. Com duração de quase cinco horas, o episódio teve seu desfecho no falecimento da refém Geísa Gonçalves, acertada por um dos disparos de um policial do Batalhão de Operações Especiais (BOPE), na tentativa de parar Sandro, o qual não obteve êxito em sua ação. Depois do tiro errôneo do agente, Geísa cai ao chão junto com Sandro e leva mais três tiros do assaltante. Ela morre a caminho do hospital. Após o incidente Sandro foi levado preso, mas morreu antes mesmo de chegar à prisão, sendo imobilizado e asfixiado na viatura policial.

O documentário apresenta depoimentos de policiais, vítimas e pessoas próximas a Sandro, como Tia Julieta, Yvone Bezerra, a assistente social entre outros. O filme também aborda a exposição do jovem à violência urbana, seu envolvimento com drogas, ao trauma vivido aos seis anos de idade quando sua mãe, grávida é assassinada em sua frente no bar onde trabalhava. O filme levou 18 meses para ser produzido; desde a ideia inicial, entrevistas, filmagens e pesquisas de arquivos.

Padilha para construção do filme utilizou imagens da TV Bandeirantes, TV Globo e Rede Record, e mediante um detetive profissional e um advogado conseguiu reunir 187 páginas de arquivos e documentos oficiais de Sandro. O diretor comprou 50 minutos das imagens de TV, conforme elenca Rocha (2004.p.11).

Um dos problemas vivido pelo jovem inclui a Chacina da Candelária<sup>6</sup>, evento ocorrido em 23 de julho de 1993, no centro do Rio de Janeiro. Além disso, Sandro passou por diversas instituições sócio-educativas.

Como nos mostra a pesquisadora Eleutério,

No documentário, há imagens-relatos de ocorrências policiais, do interior de presídios e de instituições pelas quais passou e de onde fugiu inúmeras vezes. A narração é construída por meio do diálogo entre o trágico sequestro e as cenas narradas em *feedback* pelos que conviveram ou conheciam a história do herói daquele espetáculo que paralisou o país no dia dos namorados do último ano do século XX. (ELEUTÉRIO, 2011,p.154)

O foco do documentário merece atenção e direciona as questões sociais como também as possíveis explicações que motivaram Sandro a agir de tal maneira. Padilha consegue apresentar um mal-estar social em uma grande projeção e visibilidade midiática. Outro ponto é a invisibilidade e exclusão social presente para os que estão à margem da sociedade com a ausência de políticas públicas. O filme mexe com nossas emoções, ora atuando com ódio, ora com compaixão ao protagonista social Sandro.

O documentário se empenha em fazer um recorte de um fato específico e carrega ideologias de instituições, grupos ou indivíduos que podem nos indagar ou emocionar com a representação de um conhecimento histórico.

Segundo Guedes o documentarista consegue transpor a realidade e faz um alerta sobre as instituições públicas brasileiras.

José Padilha conclama a trajetória de vida do personagem para expandir seu ponto de vista e acaba por trazer outros atores ao cenário do sequestro do ônibus: o mau funcionamento das instituições públicas; a omissão da sociedade e do Estado para com os marginalizados; o preconceito; a exclusão social; a falta de oportunidades para as comunidades de baixa-renda; entre outros. (GUEDES, 2014, p.7-8).

É possível notar a exclusão social na abordagem do documentário, como a divisão com que ele é apresentado, parte por depoimentos das pessoas próximas a Sandro e sua exposição à violência, e outra quando o sociólogo Luis Eduardo Soares fala da questão da invisibilidade dos meninos de rua nas cidades grandes brasileiras, que almejam sua integração, reconhecimento e visibilidade na sociedade.

---

<sup>6</sup> A chacina da Candelária ocorrida no Rio de Janeiro em frente à igreja da Candelária foi um massacre na madrugada do dia 23 de julho de 1993, onde oito garotos de rua foram assassinados por policiais à paisana.

O filme começa com uma câmera panorâmica sobre a cidade do Rio de Janeiro exibindo imagens da favela. A pesquisadora Penkala a respeito disso aponta que: “No início de Ônibus 174, as panorâmicas sobre a cidade do Rio de Janeiro já denunciavam um estado de coisas: as muitas e grandes favelas dividem o espaço de cartão postal com bairros de classe média repletos de enormes piscinas” (PENKALA, 2007.p.11).

A visibilidade de eventos violentos ganha repercussão em nossa sociedade, e isso é perceptível no documentário.

Os planos e enquadramentos utilizados pelo autor da obra são utilizados com o devido cuidado para que ao assistir, o público se sinta a par da realidade que deseja passar o filme. Iniciado por panorâmicas aéreas que vão se aproximando do local da cena, o documentário tem a intenção de falar através da câmera que irá mostrar fatos de um grande problema social (encontrado nas favelas e subúrbios) de forma mais ampla, uma realidade antes vista de modo distante.

Com alternâncias entre planos inteiros e planos médios, o filme traz a perspectiva dos cenários vivenciados por Sandro, e também a ênfase no personagem.

Seguindo a linha não fictícia durante a narração da vida do protagonista, o documentário parte para uma transição de filmagens reais do acontecido, com cenas gravadas, trazendo à tona e causando colapsos de emoção no público, o momento em que tudo aconteceu.

### **3.1 As vozes do documentário Ônibus 174**

É perceptível em como Padilha faz uma reflexão acerca da violência urbana, exclusão social e preconceito. O diretor demonstra o percurso da vida de Sandro do Nascimento, desde a fase da infância até o desfecho do episódio que resultou na sua morte. A construção do filme foi composta de arquivos pessoais, depoimentos de pessoas próximas a Sandro, a Tia Julieta; Yvone Bezerra de Melo, assistente social; Elza, mãe adotiva; ex-colegas de rua de Sandro; Mendonça, carcereiro da 26ª delegacia de polícia do Rio de Janeiro; reféns; repórteres; policiais; Rodrigo Pimentel, ex-capitão do BOPE; professor de capoeira; Luis Eduardo Soares, sociólogo e cenas de arquivo do episódio no Ônibus 174. No filme, os entrevistados não são identificados. A identificação de alguns deles ocorreu por pesquisa bibliográfica em artigo de GUEDES (2014.p.3-4).

O sociólogo Luis Eduardo aos 18min53 comenta em seu depoimento sobre a invisibilidade social:

A grande luta desses meninos é contra a invisibilidade. Nós não somos ninguém e nada se alguém não nos olha, não reconhece o nosso valor, não preza a nossa existência, não diz a nós que nós temos algum valor, não devolve a nós nossa imagem munida de algum brilho, de alguma vitalidade, de algum reconhecimento. Esses meninos estão famintos de existência social, famintos de reconhecimento. (Ônibus 174,2002).

Ele ainda frisa que nas grandes cidades brasileiras qualquer menino, negro e pobre transita nas ruas invisível. E aponta que há duas maneiras de produzir à invisibilidade: o menino é invisível, porque nós negligenciamos a sua presença ou porque nós vemos o que projetamos sobre ele com os nossos preconceitos. Dessa maneira, fica evidente a figura do marginalizado representado por Nascimento.

Padilha dá uma explicação sobre o seu objetivo a respeito do documentário Ônibus 174: “Quis fazer o filme por acreditar que a história do Sandro era importante, por pensar que ela escancara a forma como o Estado brasileiro lida com os meninos de rua e os delinquentes juvenis, um processo que, a meu ver, gera violência”<sup>7</sup>.

Ônibus 174 propõe outra maneira de enxergar Sandro e o episódio, e não a imagem agressiva durante o sequestro que a mídia passou. O filme procura retratá-lo de uma maneira multifacetada, com a sua trajetória de vida. (GUEDES. 2014.p.7). É com a visão de não apenas enxergá-lo como protagonista de um ato criminoso, mas o outro lado desse ser humano com depoimento da mãe adotiva, Elza que contou a vontade que ele tinha de sair da criminalidade; e da Tia Julieta que conta quando Nascimento disse que queria mudar de vida.

Segundo o autor Maia a respeito do acontecimento:

Maia (2005) afirma que o evento do Jardim Botânico, mais do que a exposição do infortúnio e do destino trágico dos passageiros do ônibus 174, é a exposição do drama urbano de nossas metrópoles e do risco que acomete a todos que transitam pelas ruas e praças de nossas cidades. Ele nos diz que, segundo pesquisa do IPEA (2003), a sociedade brasileira tem um dos mais altos índices de criminalidade e casos hediondos de violência urbana. (MAIA, 2005 apud ELEUTÉRIO, 2011, p.9).

Deste modo, pode-se observar a repercussão do episódio e seu impacto atrelado a uma sociedade com elevados índices de violência urbana. Daí o filme nos provoca a

<sup>7</sup> Ônibus 174 investiga origem da violência do País, Observatório da Imprensa, copyright O Estado de S.Paulo, 06.12.2002. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/asp1112200295.htm>. Acesso em: 19 jan.2016.

reflexão e percebe-se nitidamente a atuação da mídia em destacar tal acontecimento. O aspecto social contribui e influência na questão da violência urbana, como é possível notar no documentário, imagens in loco do Instituto Padre Severino, um dos lugares que Sandro passou durante a adolescência, onde os jovens eram submetidos às péssimas condições e maus-tratos. Após um mês de internação Sandro começa a receber visita da Tia Julieta, a irmã materna e primos, com a reaproximação da família ele passa a demonstrar comportamento positivo e adequado na instituição. Julieta conta aos 45min14s que: “o Padre Severino é um depósito de ser humano mirim”. Não havia qualquer tipo de ressocialização e os adolescentes não recebiam nenhum afeto. Depois disso, Rogerinho, um ex-colega de rua de Nascimento também dá alguns relatos e conta sua experiência no Instituto Padre Severino, foi preso vinte vezes ou mais e aponta que a única coisa que aprendeu foi ficar mais revoltado, e que os funcionários agrediam os internos com correntes, além de acorrentá-los.

Mendonça, carcereiro da 26ª delegacia de polícia do Rio de Janeiro, conhecida como “o cofre” e a pior delegacia do Rio de Janeiro, com condições precárias e superlotação, e por onde Sandro passou. O carcereiro conta que Sandro na cadeia era uma pessoa de bom comportamento, embora vivesse nas péssimas condições. Tempos depois junto com outros jovens, Sandro consegue fugir da prisão.

A Tia conta que dias depois dele ter fugido da 26ª delegacia, liga pedindo dinheiro e disse que iria mudar de vida e tinha o sonho de ser conhecido no mundo inteiro. Sandro passa a morar no bairro Nova Holanda com a mãe adotiva Elza, que o acolheu e cedeu um quarto da casa para ele. Elza conta sobre a vontade do jovem de sair do crime e fazer sucesso.

O documentário procura exercer um ponto de vista por meio de valores e significados do ambiente que estamos inseridos. Nesse caso, a intenção é provocar um discurso que enfatize questões e problemas sociais e históricos da realidade, e direcionar o receptor por meio do seu discurso e acaba influenciando-o em atitudes e opiniões. O documentário trata de representar o mundo em que vivemos (NICHOLS, 2005.p.47). As implicações sociais abordadas por filmes documentários sociais possuem grande significação em tratar uma realidade, reflexões e críticas. Nesse sentido, o documentário Ônibus 174 demonstra isso com uma narrativa impactante e tema ligado à violência urbana na cidade do Rio de Janeiro.

A projeção do evento transmitida pela TV resultou em 35 milhões de espectadores com um acompanhamento ao vivo, o que de fato demonstra o poder da mídia televisiva. Um dos policiais que estava na operação conta que o próprio grau de violência de Sandro estava ligado à presença das câmeras. Luanna Belmont, uma das reféns diz aos 24 minutos em off que: “acho que a televisão permitiu com que ele se sentisse poderoso, na medida em que ele sabia que estava sendo filmado e queria ser filmado”. Sandro torna-se visível e consegue romper sua invisibilidade social.

Com as transmissões de eventos ao vivo pela televisão a imagem conseguiu alcançar uma dimensão importante (SILVEIRA et al,2002,p.119). Isso porque a possibilidade de vermos imagens em tempo real nos aproxima de determinada situação.

Nichols elenca em relação à voz do documentário que:

A voz do documentário pode defender uma causa, apresentar um argumento, bem como transmitir um ponto de vista. Os documentários procuram nos persuadir, ou convencer, pela força de seu argumento, ou ponto de vista, e pelo atrativo, ou poder, de sua voz. A voz do documentário é a maneira especial de expressar um argumento ou uma perspectiva. Assim como a trama, o argumento pode ser apresentado de diferentes maneiras. (NICHOLS, 2005.p.73).

Dessa maneira, o documentário procura exprimir uma perspectiva, argumento e ponto de vista para poder nos convencer e direcionar a reflexões, e em *Ônibus 174* é perceptível isso, pois a trajetória de Sandro não é contada apenas com o foco no episódio do sequestro, mas também é abordado acontecimentos de sua infância, sua exposição à violência, suas passagens pelas instituições sócio-educativas e exclusão social.

Com o desfecho do episódio e que resultou na morte de Geísa e Nascimento, o sociólogo Luis Eduardo diz a 1h54min06s do decorrer do filme que:

Foi à polícia que matou os colegas do Sandro lá na Candelária, e a polícia agora completou o trabalho. É como se duas pontas da história se fechassem: à polícia cabe o trabalho sujo que a sociedade não quer ver, mas que em algum lugar obscuro de seus desejos quer que se realize que se anulem os Sandros, que os Sandros desapareçam de nossas vistas. Nós não queremos ver esta realidade; nós não podemos suportar esta realidade. A invisibilidade é, afinal, reconquistada pela produção policial da invisibilidade, através da anulação que a morte gera. (PADILHA. *Ônibus 174*,2002).

A partir disso é possível notar a indiferença e marginalização para os Sandros e Sandras que vivem expostos a conflitos sociais, violência e preconceitos espalhados na sociedade brasileira. Ônibus 174 trás esse mal-estar social à tona e passa ao espectador uma visão diferente da que foi transmitida por outros veículos de comunicação.

#### 4.0 Considerações Finais

Por conseguinte, é interessante notar que Ônibus 174 não propõe justificar o que motivou Sandro a agir daquela maneira, todavia trata de dar possíveis explicações da sua trajetória até o desfecho do episódio. E não olhá-lo apenas pelo viés de que ele foi o protagonista de um crime, mas atentar também para o outro lado de sua história de vida, mostrando que ele é um dos sintomas de um mal-estar social. Outro ponto é a crítica ao Estado, à polícia e a imprensa na incapacidade de lidar com o episódio. Ao Estado pela ausência de políticas públicas e a exclusão de jovens de rua; a polícia pelas péssimas condições de trabalho e no seu tratamento aos jovens de rua; e à mídia pelo modo distorcido e incompleto que foram transmitidas as informações sobre o caso e protagonista, Sandro do Nascimento. Ônibus 174 não dá soluções ao mau funcionamento de entidades, mas abre espaço para questionamentos e reflexões do modelo insatisfatório que temos adotado.

#### Referências

ALMENDRA, Dinaldo. Os mundos do crime: práticas e representações da violência urbana em múltiplas escalas de análise. In: XIV Congresso Brasileiro de Sociologia, 28 a 31 de julho de 2009, Rio de Janeiro. p.2-20. Disponível em: < [http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com\\_docman&task=cat\\_view&gid=203&Itemid=170](http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=203&Itemid=170)>. Acesso em 19 jun.2016.

Bol Notícias. Após 15 anos do sequestro do ônibus 174, pai de vítima ainda aguarda indenização. 11 jun.2015. Disponível em: < <http://noticias.bol.uol.com.br/ultimas-noticias/brasil/2015/06/11/apos-15-anos-do-sequestro-do-onibus-174-pai-de-vitima-ainda-aguarda-indenizacao.htm>> . Acesso em 27 jun.2016.

CÂMARA, Antônio da Silva; LESSA, Rodrigo Oliveira. **A Sociologia da Arte e as Representações Sociais no Cinema documentário**. O Olho da História, v. 13, p. 01-11,

2009. Disponível em: < <http://oohodahistoria.ufba.br/wp-content/uploads/2016/03/rodrigolessa.pdf>>. Acesso em: 20 jun.2016.

ELEUTÉRIO, J.M. Ônibus 174: um olhar sobre a violência urbana e a exclusão social. **Ciências Sociais Unisinos**. 47(2): 153- 164, mai/ago 2011. Disponível em: < [http://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias\\_sociais/article/view/csu.2011.47.2.06/495](http://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/view/csu.2011.47.2.06/495)>. Acesso em: 05 jan.2016.

FLORIA Mariana Simões; PASCHOALINO, Natália. **Laboratório de Análise e Prevenção da Violência**. Ônibus 174. Disponível em: <<http://www.laprev.ufscar.br/sinopse-filmes/onibus-174>>. Acesso em: 05 jan.2016.

GUEDES, N.G. T. Ônibus 174 e a figura do marginalizado. In: Intercom-Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Anais do XIX Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sudeste – Vila Velha –ES – 22 a 24/05/2014. p.1-15. Disponível em: < [http://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2014/lista\\_area\\_DT04.htm](http://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2014/lista_area_DT04.htm)>. Acesso em: 06 jan.2016.

MERTEN, Luiz Carlos. Ônibus 174 investiga origem da violência do País. **Observatório da Imprensa**. Copyright O Estado de São Paulo, 06/12/2002. <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/asp1112200295.htm>>. Acesso em: 19 jan.2016.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Tradução Mônica. Saddy Martins – Campinas, SP: Papirus,2005. – (Coleção Campo Imagético).

Opinião e notícia. Chacina da Candelária: massacre de meninos de rua completa 22 anos. 23 jul.2015. Disponível em: <. <http://opiniaoenoticia.com.br/brasil/chacina-da-candelaria-massacre-de-meninos-de-rua-completa-22-anos/>>. Acesso em: 23. Jun. 2016.

PADILHA, José. Ônibus 174. Brasil, 2002. 133 minutos. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0aQuaYgHCX8>>. Acesso em: 03 jan.2016.

PENKALA, Ana Paula. Ônibus 174 e o clamor por visibilidade: Discursos e sentidos. In : IX SEMINÁRIO INTERNACIONAL DA COMUNICAÇÃO - Simulacros e (dis)simulações na sociedade hiperespetacular, Porto Alegre, Textos completos - GT Manifestações Visuais da Contemporaneidade, p.1-17. Disponível em < [https://penkala.files.wordpress.com/2007/11/artigo\\_penkala\\_pucrs.pdf](https://penkala.files.wordpress.com/2007/11/artigo_penkala_pucrs.pdf)>: Acesso em: 24 jun.2016.

SILVEIRA,A.C.M.et al.**Comunicação midiática**. Santa Maria:UFSM,2002.p.117-126.

ROCHA, Leonardo Coelho. **O caso Ônibus 174: Entre o documentário e o telejornal**. Belo Horizonte. Centro Universitário de Belo Horizonte. UNI-BH. 2004.p. 03 -51. Disponível em:< [www.bocc.ubi.pt/pag/rocha-leonardo-documentario-telejornal.pdf](http://www.bocc.ubi.pt/pag/rocha-leonardo-documentario-telejornal.pdf)>. Acesso em: 20 jan.2016.

VANOYE, Francis; GOLLOT-LÉTÉ, Anne. **Ensaio Sobre a Análise Fílmica**; tradução de Marina Apenzeller. Campinas – SP: Papyrus, 1994 (Coleção Ofício de arte e forma).p.09-21;p.23;p.52-67.